

Artigo

***Ecos do Cárcere*, de José Emilson Ribeiro da Silva: poesia e testemunho**

Ecos do Cárcere, by José Emilson Ribeiro da Silva: poetry and testimony

Rodrigo Cavelagna¹ 

¹Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP, Brasil

RESUMO

Este artigo apresenta *Ecos do Cárcere* de José Emilson Ribeiro da Silva. Trata-se de um livro cuja publicação permanece inédita – o original é mantido nos arquivos da Comissão Brasileira pela Anistia (CBA, Pasta 42). Objetiva-se refletir sobre determinados limites e possibilidades dos estudos de poesia, ainda lacunar no campo do testemunho (Salgueiro, 2016; 2017; Ginzburg, 2011; Seligman-Silva, 2003; Gagnebin, 2009). Para isso, apresenta-se algumas singularidades de composição do livro, que o destacam no *corpus* da área, a partir da análise de dois poemas: *Pedaços de minha vida (II)* e *Morte sob as águas*.

Palavras-chave: Teoria do testemunho; Poesia brasileira; Ditadura brasileira; Arquivos da Anistia; Tortura

ABSTRACT

This paper presents *Ecos do Cárcere* by José Emilson Ribeiro da Silva. This is a book whose remains unpublished - the original is kept in the archives of the Brazilian Amnesty Committee (CBA, Folder 42). The objective is to reflect on certain limits and possibilities of poetry studies, still gappy in the field of testimony (Salgueiro, 2016; 2017; Ginzburg, 2011; Seligman-Silva, 2003; Gagnebin, 2009). For this, we present some singularities of composition of the book, which highlight it in the *corpus* of the area, from the analysis of two poems: *Pedaços de minha vida (II)* and *Morte sob as águas*.

Keywords: Theory of testimony; Brazilian poetry; Brazilian dictatorship; Brazilian Committee of Amnesty; Torture

1 INTRODUÇÃO

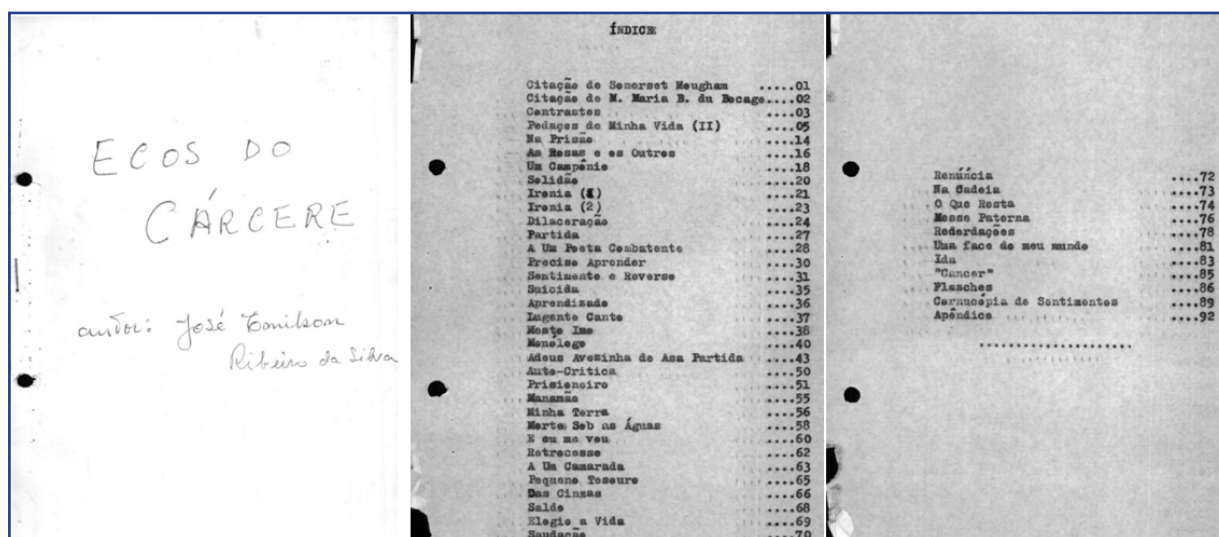
A teoria do testemunho, no Brasil, tem nuances diversas a partir de um conjunto conceitual e crítico que considera a noção de “testemunho” oriunda da *Shoah*; a de *testimonio* latino-americano; e a de *teor testemunhal*, que se tornou explícita na representação de eventos-limite, mas a ultrapassa, constituindo uma virada do saber histórico (Seligmann-Silva, 2003; 2022). Essa linha crítica constantemente aponta, em textos fundamentais (Ginzburg, 2011; Salgueiro, 2016; Marco, 2004; Penna, 2003), a complexidade de tais definições dadas as singularidades de cada violência histórica e o particular do caso brasileiro. Assim, os conceitos de trauma, memória, resistência e imaginário, somam-se às relações entre literatura e política, ética e estética – a partir de teorias distintas, como em Walter Benjamin (2012; 2020), Theodor Adorno (2003) ou Paul Ricoeur (2008).

No que diz respeito ao campo da poesia e suas possíveis relações com as teorias do testemunho, constata-se há anos uma escassez de estudos (Marco, 2004; Jutgla, 2015; Salgueiro, 2017) que tem sido parcialmente preenchida graças ao atual esforço de um conjunto de críticos (Salgueiro, 2011; Martinelli Filho, Ferraz, 2023; Pucheu, 2025). Em contrapartida ao desenvolvimento dos estudos de narrativa, essa carência afetou a compreensão do campo e suas possibilidades, incidindo em um grande número de obras que não são analisadas nesse viés, mesmo de autores consagrados; muitas permanecem inéditas e é igualmente escassa a análise dos arquivos; enquanto método, necessita de desenvolvimento teórico e de maior compreensão crítica de movimentos estéticos diversos, como o surrealismo e o modernismo, quanto ao teor testemunhal de suas obras (Marco, 2004).

Proponho refletir sobre esse cenário crítico, na apresentação e leitura de *Ecos do Cárcere*, de José Emilson Ribeiro da Silva (CBA, Pasta 42, pp. 84-177) – compreendendo-o como um ponto singular de um *corpus* de pesquisa ainda não completamente estabelecido. O que move esse texto, assim, é o interesse em suscitar essas múltiplas

relações pela análise interna de alguns de seus poemas. Na sequência, assim, sugiro uma leitura de *Pedaços de minha vida (II)* – que consta como prova jurídica em seus processos de reparação contra o Estado. Interessa notar como o poema apresenta muitas das dimensões expostas acima. Após, analiso mais detidamente os versos de *Morte sob as águas*, na perspectiva de ler o trauma inscrito nos versos, ou, ao menos, a lacuna de seu testemunho.

2 POESIA E TESTEMUNHO: JOSÉ EMILSON RIBEIRO DA SILVA



Fonte: Comitê Brasileiro pela Anistia (Pasta 42)

Ecos do Cárcere (CBA, Pasta 42, pp. 84-177) é um conjunto de 45 poemas, escritos no cárcere político entre novembro de 1973 e julho de 1978. Expõe um projeto poético de resistência e memória, em que o poema é a forma de elaboração do real traumático. Sua publicação permanece inédita e é praticamente ausente sua recepção crítica¹, mas o original pode ser consultado nos arquivos do Comitê Brasileiro pela Anistia².

Os poemas testemunham os assassinatos, os desaparecimentos e as formas de tortura utilizadas na Ditadura civil-militar brasileira. Há uma evidente preocupação

¹ Destaco os importantes resultados de Thales de Medeiros Ribeiro (2020; 2021).

² SÉRIE II: PRESOS POLÍTICOS: Subsérie: Produção do Preso. Item: Documentação de presos. Documentos de caráter mais confidencial, como correspondência entre casais de presos, dos presos para seus familiares, cartões de Natal, de felicitações, bem como produção de caráter literário: poesias, prosas etc. Subitem: Correspondência; Subitem: Produção Literária. [CBA, pasta 042] (AEL-DIGIT@L [INVENTÁRIO, s.d.]: 17-18). Disponível em: <https://ael.ifch.unicamp.br/ael-digital?destination=/ael-digital>. Acesso: 31/03/2025.

estética, perceptível desde as correções ou mudanças de versos, presentes no original, até seleção das epígrafes³, que dispõe a arte como uma prática da liberdade, com uma função vital de resistência. Muitos poemas versam sobre a tortura e a morte de companheiros; sobre as decepções e esperanças políticas; sobre sua própria vida de engajamento; sobre o país que se alegoriza sob o signo da tortura. Nesse sentido é uma obra que encontra ressonância com a de outros presos políticos, mas mantém características singulares, em particular, nos recursos estéticos de elaboração do verso, como veremos.

Há um poema, sobretudo, que relata de forma contundente sua prisão e tortura. Trata-se de *Pedaços da minha vida (II)*, citado abaixo. Ocorre que, antes de qualquer testemunho oficial ser tomado, este poema foi anexado como prova jurídica das torturas sofridas à Comissão Especial de Indenização a Ex-presos Políticos – PE, em um requerimento em vistas do Decreto Nº 22.597, de 29 de agosto de 2000. O processo consta no acervo da Comissão Estadual da Memória e Verdade Dom Helder Câmara no Arquivo Público de Pernambuco⁴. Ele compõe um conjunto de seis anexos que seguem a um breve relato dos fatos: os documentos colhidos dos arquivos da polícia, referentes; e quatro laudos médicos que comprovam as sequelas das torturas que lhe foram infligidas. Não houve tomada de testemunho pela Comissão Nacional da Verdade⁵, de 2014. Consta no Relatório Final da Comissão Estadual da Verdade e da Preservação da Memória do Estado da Paraíba, de 2017, que retoma a Audiência Pública “Tortura nos presos políticos de Itamaracá”, de 2013⁶ – no qual relata vários detalhes do período.

³ A primeira epígrafe é de Somerset Maugham: “...as desvantagens e perigos da condição de autor são compensadas por uma vantagem tão grande que torna insignificantes todas as suas dificuldades, desapontamentos e até talvez as suas maiores canseiras. Dá-lhe liberdade espiritual. Para o autor a vida é tragédia e, graças ao seu dom criador, pode ele submeter-se a catarses, à purga de piedade e terror, que Aristóteles afirma ser o objeto da arte. Pois seus pecados e loucuras, as desgraças que lhe sucedam, seu amor sem correspondências, seus defeitos físicos, doenças e privações, suas esperanças abandonadas, seus agravos, suas humilhações por que passou, tudo isso ele transforma, pelo seu poder, em material, e descrevendo-o, pode perfeitamente sobrepujá-lo. Tudo é trigo para o moinho, desde o vislumbre de uma face na rua à guerra que convulsiona o mundo civilizado, desde o perfume de uma rosa à morte de um amigo. Nada lhe acontece que ele não possa transformar em verso, em canto, em história, e isto feito, alijá-lo da sua vida. O artista é o único homem livre”. A segunda é de Bocage: “Vede a luz, não busqueis, desesperados, / no mundo esquecimento a sepultura, / se os ditos vos lerem sem ternura, / Ler-vos-ão com ternura os desgraçados”.

⁴ Disponível em: <https://www.comissaodaverdade.pe.gov.br/index.php/jose-emilson-ribeiro-da-silva-pdf>. Acesso: 31/03/2025.

⁵ Disponíveis em: <https://cnv.memoriasreveladas.gov.br/todos-volume-1/653-v%C3%ADtimas-civis.html>. Acesso: 31/03/2025.

⁶ Audiência Pública - TORTURA NOS PRESOS POLÍTICOS DE ITAMARACÁ - 22/10/2013. Disponível em: https://youtu.be/y53Ky66zwWc?si=61aV5V6661UXH_7J.

Opto por transcrevê-lo em sua unidade e apesar de sua extensão (de 204 versos curtos). Ainda que esse movimento seja um tanto incomum, parece-me justificado devido às características expressas e a posterior análise. Então, o poema:

Pedaços de minha vida (II)

25 de agosto,
5 horas da manhã...
Caminho, rua a fora
longamente atento
aos meus deveres cumprir,
não posso falhar, não posso
é o amor que impõe
é o amor que envia
e eu sigo esperançoso
de encontrar e cumprir
meus deveres com amor.
É o amor por ELA
que são todos,
que envia,
que guia,
Caminho longamente,
atento, olhando, e...
e eis que
de longe vejo
a quem procuro
e sigo
e confio
e me aproximo
de lábios abertos e na face o riso
como sempre ao seu encontro ia.
Mas...
Não é alegria que me chega,
não é amor que recebe,

não é amor que sinto,
não é felicidade que me sobeja,
não é o prazer que me invade,
são seus opostos que me esperam.

E o vigiado indesejável aparece,
são cinco e trinta da manhã!
Gritos, correria,
armas em profusão,
cena de horror...
e eis que tombo, e
sobre mim caem
brutamontes às dezenas,
numa pancadaria infernal
e eu,
que da arma sacara,
nada, nada pude fazer,
Mudo, paralisado, entorpecido
pelos choques dos fatos
mais pareço um grão de arroz
por formigas carregado.

Da face me escorre
abundante líquido,
as narinas invadidas
do insosso fedor,
as roupas embebidas
da pegajosa substância, e
de vermelho, tintas...
ESTOU PRESO.
Sou um fardo vivo
no lastro
de um carro jogado.
Sou carne em receptáculo
sob punhos cerrados, e

por coronhas d'armas
massacrado
qual bife em preparado.
Caras medonhas me fitam
e gritam:
"Aparelhos, pontos, pontos, aparelhos..."
Pancadas, contorções, desmaios,
giros no próprio corpo, e
nos fios enrolando-se
fios trazendo
formidolosos choques
paralisando corpo e mente.

De repente...
Tudo escurece à minha vista...
É um saco negro
em minha cabeça envolvido.
E continuo, nestes estertores
até que,
do veículo arrancam
este fantasma mascarado,
rasgado,
de sangue tingido,
e sigo
numa caminhada difícil
nas paredes, aos encontros,
choques violentos,
contorções, pancadas, quedas...
Numa cena que,
aos sádicos hilariantes
causa prazeres e gozos
numa realização interior
de animais doentios.
Sigo,
contra paredes,

aos encontros chocantes,
de ressonância abafada,
e perguntam gritando
se seco estou?
Mas, como ver?
Se tudo é negro
à minha volta...
Ah! Aquele capuz preto!

De repente, de repente,
numa minúscula sala estou,
toda branca, forrada, abafada
para os gritos lancinantes
das dores não trespassar.
No chão...
água, sangue, vômitos, fezes
doutros que me antecederam.
É A CAMARA DE TORTURAS.
Agora,
nu, pendurado
com a bunda pro mundo
a fotografar
caras nojentas, imundas,
mais imundas
que minha própria bunda
que sangra e derrama
sob pressão
da haste da vassoura
fazendo as vezes
de falo devastador.
É A TORTURA
é o café em fogo
na cara jogado
que aos olhos queima.
É o resto que arde

sob fios surrantes,
é água derramada
narinas a dentro
quase afogado...
São choques convulsivos
terrificantes
fechando olhos e boca
impedindo de gritar
as dores sentidas.
Só as aurículas transmitiam
o mundo exterior
ao meu eu, e
ouço
entre choques e dores
gritos que perguntam,
na pausa da agressão,
mostrando retratos:
"Conhece esta?
É a mulher dele?
Aparelho, pontos, aparelho".
Não sei!
Nunca vi!
Não tenho!
Choques, convulsões,
sede terrível,
sangue gotejando,
baba escorrendo,
água jorrando,
sobre narinas, e
sobre o pênis
que vibra envolto
nos fios que
choques transmitem.
Agora,
não só o pênis,

também a orelha
ganha seu quinhão
que recebe e transmite
ao cérebro os choques
numa violência sem par,
que afeta, fere e deforma
a percepção.

Tiram-me do “pau-de-arara”
desatam-me as mãos
roxas, insensíveis
pelo torpor do sangue
nas veias paralisado.
Puxam-me, arrastam-me
pelos cabelos,
rodopiando sobre vômitos,
fezes, baba, sangue, urina...
É A TORTURA
no sapato “Luiz XV”,
sobre latas
massacrando os pés
acompanhados de choques
que me põem ao chão, e,
entre choques e convulsões,
reerguer e montar
sobre latas
para novamente cair, e
novamente
entre convulsões seguir
numa agonia sem fim.

Depois...
Depois a cela sem pão
que falta não fazia.
Só um desejo louco

de não viver...
Um desejo ardente, de morrer.
Morte rápida
sem agonias.
Só tu, oh Morte,
falta fazias.

Dops, Recife, 19/11/73

Esta poesia, PEDAÇOS DE MINHA VIDA, relata o comportamento mantido durante longas seções de tortura, comportamento que infelizmente não... não foi mantido até o fim. E em seu hiato, de existência, consequências de dores maiores porquanto marcam não só o corpo, mas, muito mais o espírito em suas auto decepções, seus medos de si próprio, suas renúncias e autopunições baixando sobre seu corpo marcado e sua alma dilacerada, o látigo acusador de sua consciência, deixando indelévels cicatrizes para todo o sempre restos de vida. Emil
(CBA, Pasta 42, pp. 92-100)

José Emilson Ribeiro da Silva, como versa, foi preso em 25 de agosto de 1973 – em época presidente da União Pessoaense de Estudantes Secundaristas (UPES). Começou sua militância na Juventude Comunista, do PCB, atuando em João Pessoa-PA ainda em 1964, em um trabalho de aglutinação das esquerdas, com a criação de um cineclube e ações de formação cultural e ideológica. A partir de 1967, passa a compor o PCBR e realiza as primeiras ações armadas em conjunto com a ALN, em contato com Ronaldo Dutra Machado. Entra definitivamente para a luta armada após a promulgação do Ato Institucional Nº 5. Na prisão, foi torturado. Posteriormente, foi levado ao Quartel da Polícia da Aeronáutica, como cobaia de tortura para militares formados pela chamada “Escola das Américas” (*Western Hemisphere Institute for Security Cooperation*) – aulas às quais, segundo testemunho⁷, compareceram o então Ministro da Aeronáutica, Tenente-brigadeiro Joelmir Campos de Araripe, que assumiu cargo de 1971 até 1979.

⁷ Audiência Pública - TORTURA NOS PRESOS POLÍTICOS DE ITAMARACÁ - 22/10/2013. Disponível em: https://youtu.be/y53Ky66zwWc?si=61aV5V6661UXH_7J. Cf. *Comissão Estadual da Memória e Verdade Dom Helder Câmara/PE*, Processos da Comissão Especial de Ex-presos Políticos, José Emilson Ribeiro da Silva, p.18.

Pedaços de minha vida II poetiza três momentos dessa experiência, justapostos na sequência dos versos. Talvez possamos lê-los como um “acesso ao sentido” (Nancy, 2005) que se organiza enquanto forma poética, no caso, da barbárie histórica infligida contra si, da violência de Estado.

O poema dispõe a memória da luta armada e da captura, bem como as reptícias sessões de tortura e o após, note-se. De modo que nas primeiras três estrofes transcorrem apenas trinta minutos, de sua saída à captura, no ordenar dos fatos, 25/08/73 das 5h às 5h30; as duas seguintes referem aos 33 dias em que esteve preso no DOI em Recife sob tortura, e ao após, à fratura, ao seu desejo de morte. Apenas os dois primeiros poemas de *Ecos do Cárcere* foram escritos no ano de 1973 e localizados no DOPS de Recife. Os outros partem já de 1975, na Prisão Estadual Barreto Campeiro, Ilha de Itamaracá-PE, nomeada nos poemas como “Itamaracárcere”, na qual ficará preso durante 7 anos. Nesse sentido, por mais que o poema inicie com uma data específica, enunciando a realidade dos fatos, ele envolve choques, traumas, alucinações, lamentos, em sua própria forma, que se estendem por anos.

Em um poema, palavras e sons transformam-se em imagens, capazes de criar no leitor uma constelação particular, efetivamente, desencadeando um processo imaginativo e crítico (Paz, 2012). Atentos à teoria benjaminiana e seus leitores (Benjamin, 2012; Didi-Huberman, 2017), por exemplo, podemos dizer, ainda, que a partir de efeitos específicos uma obra de arte conduz a uma pequena participação no choque, pela experiência transmitida, no caso, em versos. Assim, diferente de um testemunho jurídico que visa estabelecer a ordem dos fatos na tentativa de definição de uma verdade, um poema, enquanto obra de arte, ultrapassa essa dimensão ao produzir uma experiência estética que pode direcionar uma percepção crítica. A eficácia desses efeitos depende dos recursos formais dispostos, singulares a cada poeta e a cada obra. Isso significa que as funções poéticas da linguagem, potencializadas na forma do poema (Jakobson, 2008), não diminuem seu valor de realidade. É justamente o contrário que ocorre, há a capacidade de poetizar o real traumático.

Para os efeitos de imagem, contribui, por exemplo, a construção do tempo verbal, que as presentifica na leitura – “caminho”; “estou”; “vejo”; “ouço”. De modo que há algo de uma estética “visionária” – se compreendida em seus aspectos políticos (Didi-Huberman, 2017) – que transmite as visões da memória ao leitor, como evocações de imagens que surgem em um instante e continuamente se sobrepõe: “e eis que / de longe vejo”; “De repente, de repente / numa minúscula sala estou”; “agora, / nu, pendurado,”. Isso reforça o processo imaginativo.

As inversões sintáticas induzem um efeito de “obscurecimento” (Chklovski, 1973) da linguagem, dificultando a compreensão imediata do sentido dos versos, o que pode corresponder à essa paulatina percepção dos fatos frente à velocidade de sua execução – do eu sobre aquilo que a si é infligido, a tortura. Ademais, o uso da pontuação contraposto aos *enjambements* constantemente modifica o ritmo de leitura do poema, contribuindo com esse efeito de distensão – “Gritos, correria, / armas em profusão, / cena de horror... e eis que tombo, e / sobre mim caem / brutamontes às dezenas”.

O corpo é fragmentado pela tortura, rompidas suas possibilidades de apreensão sensível da realidade: “só as aurículas *transmitiam* o mundo ao **meu eu**” – e note-se como esse intenso uso de *nasais* organiza, na forma, esse *murmúrio* de dor, desse *eu* devorado em si. A rememoração em versos se traduz em metáforas do eu dizimado (“grão de arroz”; “carne em receptáculo”). E as metonímias conduzem os restos dos que vieram antes (“água, sangue, vômitos, fezes”), mas contêm os seus próprios gritos de resistência, dor e compreensão (“ESTOU PRESO”; “É A CAMARA DE TORTURAS”; “É A TORTURA”; “É A TORTURA”). De modo que as anáforas marcam a luta pelas informações, a tentativa de resistência à tortura, já nos primeiros versos (“não é”; “não é”; “não é”). Isso se repete pela fala dos torturadores, na busca por “aparelhos, pontos, pontos, aparelhos”. Ao fim, há a confissão última de sua derrota, sucumbindo sob tortura, do que lhe resta o desejo de morte.

O poema, assim, apresenta um conjunto de soluções estéticas e de fatos materiais que incidem desde os temas centrais, estabelecidos pela teoria do testemunho, na elaboração do trauma pessoal e coletivo, infligido pela violência de Estado durante a Ditadura de 64. Mas também exigem a ultrapassagem de certos limites reiterados pela crítica de poesia desse campo, seja a partir de sua forma – que se inscreve, por exemplo, com expedientes oníricos –, seja em sua utilização como prova jurídica, subvertendo a lógica positivista do “testemunho jurídico”. É importante pensar essa relação face os outros poemas do livro.

3 MORTOS E DESAPARECIDOS POLÍTICOS

Assim como na poesia de Alex Polari ou de Pedro Tierra, Emilson dedica alguns de seus poemas a outros presos políticos, mortos e desaparecidos. “Poemas-denúncia, poemas-testemunho”, podemos dizer, que atuam a “um só tempo [como] dedicatória aos mortos, dedicação a eles, evocação deles, testemunho e denúncia de tortura e assassinatos” (Pucheu, 2025, p. 12).

Há quatro poemas, em particular, que relatam de forma contundente a tortura e o estado físico das vítimas no momento de sua morte. É preciso dizer que as descrições dos poemas coincidem exatamente com os resultados das investigações da Comissão Nacional da Verdade (Brasil, 2014), confirmadas a partir de outras fontes. Três desses poemas contam com uma dedicatória. Trata-se de *Um campônio*:

A um combatente revolucionário, camponês assassinado sob torturas, o camarada Manuel Aleixo “Ventania”, no segundo aniversário de sua morte.

Itamaracárcere, 04/09/75. Emil

(CBA, Pasta 42, p. 106)

Dedicado a Manuel Aleixo da Silva, conhecido como “Ventania”, que foi um guerrilheiro conhecido e respeitado na região, membro das “Ligas Camponesas”. Seu corpo foi encontrado no Município de Ribeirão-PE, provável local de sua morte (Brasil, 2014, p. 1281-1283).

A um poeta combatente:

Ao companheiro revolucionário e poeta, Emmanuel Bezerra, assassinado sob torturas. No ensejo do terceiro aniversário de seu desaparecimento.

Itamaracárcere, 04/09/76. Emil

(CBA, Pasta 42, p. 116)

Dedicado à Emmanuel Bezerra dos Santos, que sob tortura foi mutilado, teve os vinte dedos arrancados, o umbigo lacerado, os testículos e o pênis decepados (Brasil, 2014, p. 1292-1295). Foi dirigente nacional do PCR. Também poeta, nos legou “Às gerações futuras”, que ainda que precisa de maiores leitores⁸. Segundo Emilson, não revelou aos carrascos nem o nome de seu pai.

E o poema A um camarada:

Ao camarada e companheiro, insigne revolucionário assassinado sob torturas que lhe trouxeram a putrefação física antes mesmo de expirar. 04/09/77, quarto aniversário de sua morte. Itamaracárcere, Emil.

(CBA, Pasta 42, p. 19)

Dedicado à Manuel Lisbôa de Moura, assassinado sob torturas (Brasil, 2014, p. 1296-1299). Emilson relata que seu corpo gangrenou antes de sua morte, em decorrência de complicações da diabetes frente à brutalidade da mutilação que sofreu. Fatidicamente, Emmanuel e Lisboa foram enterrados como indigentes no Cemitério de Campo Grande, em São Paulo/SP. Seus corpos foram exumados em 1992.

*O quarto poema em questão, porém, é:**Morte sob as águas*

Caído, batido
em pugna tremenda
no resgate
uma vida tentar,

⁸ Disponível em: <http://www.dhnet.org.br/dados/poesias/livro.pdf>. Acesso em: 31/03/2025.

debalde esforço
aflitiva impotência
visão mortificante
de mortificado fato
bolhas derradeiras
à flor d'água surdidas
trazendo
alentos últimos de vida
últimos gazes
socorro clamando
e o peito de palpitações tantas
das ilusões infindas
jaz sob a água opresso...

Bolhas derradeiras,
grandes, lentas,
esparsas, miúdas,
acabadas...
massacradas esperanças
mortas ilusões
findada uma vida...
E eu...
quedado, cansado
braços caídos
de extenuadas forças
fitando impassivo
olhar de morto-vivo
massa d'água imensa
espelho luzente
transido, silente
encobrindo
de mortalha servindo
ao mano corpo...

Te afogaste Breno...
obra nenhuma deixaste...
Foi-se teu corpo
restando inscrição triste
em lápide fria
teu nome
rancho homenageado
que o tempo
estugador volúvel
encarregar-se-á
alfim olvidando

Itamaracárcere, 02/03/77

(CBA, Pasta 42, p. 145-146)

Esse poema me parece significativo no conjunto por suas semelhanças e diferenças. A morte por afogamento, anunciada no título, apresenta-se lentamente ao longo dos versos. Cada recurso corresponde, então, à tentativa de elaborá-la simbolicamente. O poema nos conduz por um lento acesso a esse sentido, diverso da velocidade dos choques da captura e das torturas iniciais, no poema anterior. De modo que o ato de resistência se distende em um longo *enjambement* inicial: “em pugna tremenda / no resgate / uma vida tentar”. O paralelismo da “visão mortificante / de mortificado fato” antecipa no plano da linguagem todo o jogo de espelhamento criado pelas imagens dessa “massa d’água imensa / espelho luzente / transido, silente”. Os recursos de pontuação afetam o ritmo de leitura, na construção da imagem do último sopro, de um corpo sendo afogado sob tortura: “Bolhas derradeiras, / grandes, lentas, / esparsas, miúdas, / acabadas...”, da vida que, massacrada, encontra seu fim.

O espelho d’água que amortalha o “mano corpo”, liga-o a si, que sofre o mesmo: “E eu... / quedado, cansado / braços caídos”, como nos primeiros versos. O sujeito poético é, então, Narciso, mas a contemplar no espelho d’água a própria morte – como

o desejo tanatológico expresso em *Pedaços de minha vida (II)*. Na terceira e última estrofe a morte é anunciada, concluindo a gradual transmissão dessa experiência a nós, leitores, com um choque de realidade, invertendo a condução alucinante das imagens anteriores: “Te afogaste Breno... / Obra nenhuma deixaste...”. A palavra poética passa a erigir-se como *sêma*, como um *túmulo* deste corpo desaparecido, “inscrição triste, em lápide fria”, como de seus companheiros, seu nome esquecido pela inexorabilidade do tempo. Túmulo que é sua própria obra, inexistente, mas que permanece como um epitáfio no poema. Não é necessário destacar a contundência desses versos: somos nós também refletidos pelo espelho d’água, conduzidos por essa visão transida da morte sob tortura.

A escritura, assim, torna-se um rito fúnebre, um ato de sepultamento, com seus fins religiosos, éticos e estéticos – como situa Jeanne Marie Gagnebin, a partir de Michel de Certeau e Paul Ricoeur:

Escrevo, sim, para enterrar e honrar os mortos, sobretudo se eu for historiador. Escrevo, sim, para enterrar talvez meu próprio passado, para lembrá-lo e, ao mesmo tempo, dele me livrar. Escrevo então para poder viver no presente. Escrevo, enfim, para me inscrever na linha de uma transmissão intergeracional, a despeito de suas falhas e lacunas. Assim como leio os textos dos mortos e honro seus nomes no ato imperfeito de minha leitura, também lanço um sinal ao leitor futuro, que talvez nem venha a existir, mas que minha escritura pressupõe. Lanço um sinal sobre o abismo: sinal de que eu vivi e de que vou morrer; e peço ao leitor que me enterre, isto é, que não anule totalmente minha existência, mas saiba reconhecer a fragilidade que une sua vida a minha. (Gagnebin, 2014, p. 30).

Ocorre que, diferentemente dos outros poemas citados, que cantam os mortos e desaparecidos, este não contém uma dedicatória. Isso me parece singular. Em minhas leituras não constatei nenhum registro sobre “Breno”, em nome ou codinome, que correspondesse às datas e descrições deste poema, nos tantos relatórios citados – diferente de Ventania, Emmanuel ou Lisboa. Ademais, Emilson não faz menção a

esse caso em nenhuma de suas tomadas de testemunho. Talvez seja nesse ponto em que sua Poesia atinge maior intensidade, na elaboração pessoal do trauma.

Na verdade, veja-se, há apenas uma correspondência ao nome Breno nos documentos que dispomos: “Breno Ribeiro da Silva” era codinome de Emilson.



Fonte: Identidade falsa de José Emilson Ribeiro da Silva. Relatório Final da Comissão Estadual da Verdade e da Preservação da Memória do Estado Da Paraíba. Acervo da CEVPM-PB

Não se trata, assim, de um testemunho da morte de um companheiro sob tortura, mas da visão de sua própria morte. Se essa leitura é possível, *Morte sob as águas* é o poema que mais expressa a completa fratura do eu; a cisão operada pela tortura; efetivamente, o trauma de José Emilson Ribeiro da Silva, em uma elaboração poética de um limiar da morte. De modo que neste poema – no conjunto da obra e de seu testemunho histórico – persiste, justamente, a *lacuna*, a aporia máxima do “dizível” enquanto possibilidade de elaboração simbólica de tamanha violência (Gagnebin, 2008). Trata-se daquilo, ao fim, que ultrapassa toda a sua escrita e a antecede.

4 CONCLUSÃO

No tempo presente à escrita deste artigo, as elites militares buscam novamente conceder a si a Anistia, por seus crimes contra o Estado Democrático de Direito. Esse fato se inscreve em um cenário de ascensão do fascismo enquanto face mais violenta do capitalismo⁹ e de sua defesa em escala mundial. A luta contra o negacionismo e o

⁹ Me alinho a leitura da sobrevivência do fascismo nas formas de poder pós-Segunda Guerra Mundial, explorada por críticos diversos – como Pachukanis (2020); Didi-Huberman (2011).

apagamento também se põe no campo do imaginário e da produção de imagens (Didi-Huberman, 2018), no presente, de modo tão contundente quanto o estabelecimento de leis opressivas.

Em tal contexto, parece importante dizer que um poema pode ser uma forma de elaboração simbólica do real de extrema pertinência ao conhecimento histórico, crítico e político. Ao poetizar seu testemunho, os poetas elevam seu dizer às categorias do *sensível* e da *sensibilidade*, exigindo de nós uma verdadeira partilha de seu sofrimento histórico. Trata-se de um “fazer pelo sofrer” – *pathei mathos* (Pucheu, 2023) –, que irmana, tal espelho transido, os textos que reafirmam seu testemunho histórico.

Nesse sentido, cabe refletir que Didi-Huberman (2020) propõe uma tese diametralmente oposta à do *indizível*, a do *inimaginável* das Catástrofes Históricas. Tais violências – que ultrapassam os limites da ordenação lógica; cujo testemunho e realidade traumática encontram-se sob a constante ameaça do negacionismo – não seriam *se não imagináveis*. Se só podemos imaginá-las, esse ato reveste-se de forte poder político e que pode ser significativo em nossa insistência crítica de uma ética da ação presente para a rememoração do passado (Gagnebin, 2009, pp. 39-48; pp. 49-57). Um poema, a cada caso, é um testemunho da barbárie que, entre outros aspectos, suscita um processo imaginativo que me parece fundamental nesse enfrentamento.

Em *Ecos do Cárcere a Poesia* o poema é, justamente, a possibilidade de elaboração do testemunho. De resistir à tortura e ao apagamento de sua história e de seus companheiros pela memória oficial; de elaborar simbolicamente o trauma da tortura. O fato que tais estruturas permanecem na atual distribuição da violência e da morte pelo Estados modernos apenas acentua o efeito crítico que a leitura dos poemas suscita. Seu ineditismo na crítica poética¹⁰, bem como os aspectos formais que dispõe, nos dá a dimensão da tarefa presente, de leitura e divulgação de tais obras.

¹⁰ Cabe destacar que os poemas de José Emilson Ribeiro da Silva, em vias de elaboração dessa análise, não constam ainda no *Memorial Poético dos Anos de Chumbo* ou mesmo em coletâneas específicas, como em Pucheu (2021) e Ferraz e Martinelli Filho (2023). Isso evidencia o volume do material frente à escassez dos estudos. Disponível em: <https://mpac.ufes.br/>. Acesso: 31/03/2025.

É importante destacar, por fim, que o conjunto dos recursos e efeitos que analisamos, a exemplo, em *Pedaços de minha vida (II)* e *Morte sob as águas*, que distinguem a poesia de José Emilson. A elaboração do trauma histórico a partir de processos visionário-oníricos, em uma estética do choque –, distingue sua produção da de Pedro Terra (em sua sóbria e triste determinação, da palavra reta como faca) ou de Alex Polari (em seu cruel sarcasmo e erotismo).

Destaca-se, com isso, que mesmo uma obra *nuclear* nesses estudos (por suas características centrais, tema, forma de publicação etc.) exige a ultrapassagem de certas restrições do campo entre “poesia e testemunho”, o que afeta toda a teoria do testemunho que lhe subsidia – seja no empenho de ampliação do *corpus*, seja na compreensão de que diferentes recursos estéticos são, de fato, a elaboração de um testemunho histórico.

5 AGRADECIMENTOS

Financiamento FAPESP: “O presente trabalho foi realizado com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), Brasil. Processo nº 2023/14952-5”.

REFERÊNCIAS

ADORNO, T. Palestra sobre lírica e sociedade. In: ADORNO, Theodor. **Notas de Literatura I**. Tradução de Jorge de Almeida. São Paulo: Editora 34, 2003.

BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 2012.

BENJAMIN, W. **Sobre o conceito de história**. Organização e tradução de Adalberto Müller e Márcio Seligmann-Silva. 1ªed. São Paulo: Alameda, 2020.

BENJAMIN, W. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In: BENJAMIN, W. [et al]. **Benjamin e a obra de arte: técnica, imagem, percepção**. Tradução de Marijane Lisboa e Vera Ribeiro; Organização Tadeu Cipriano. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

BRASIL. Comissão Nacional da Verdade. **Relatório Final v.1**. Brasília: CNV, 2014.

BRASIL. Comissão Nacional da Verdade. **Relatório Final v.2**. Brasília: CNV, 2014.

BRASIL. Comissão Nacional da Verdade. **Relatório Final v.3**. Brasília: CNV, 2014.

BRASIL. CBA. **Produção De Presos Políticos**. Pasta 042 (Presos políticos/ produção do preso/ documentação) dos Fundos documentais do COMITÊ BRASILEIRO PELA ANISTIA. AEL Digit@l (Arquivo Edgard Leurenroth-Unicamp). 223 p. Disponível em: <https://ael.ifch.unicamp.br/ael-digital?destination=/ael-digital>. Acesso em: 31/03/2025.

CHKLOVSKI, V. A arte como procedimento. In: EIKHENBAUN, B. (Org.). **Teoria da literatura: formalistas russos**. Porto Alegre: Globo, 1973.

COMISSÃO ESTADUAL DA VERDADE E DA PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA DO ESTADO DA PARAÍBA. **Relatório Final / Paraíba**. João Pessoa: A União, 2017. Disponível em: https://www.cev.pb.gov.br/relatorio-final/cev-pb_relatorio-final.pdf/view. Acesso: 31/03/2025.

COMISSÃO ESTADUAL DA MEMÓRIA E VERDADE DOM HELDER CÂMARA. **Relatório Final vol. I / Pernambuco**. Recife: CEPE, 2017a.

COMISSÃO ESTADUAL DA MEMÓRIA E VERDADE DOM HELDER CÂMARA. **Relatório Final vol. II / Pernambuco**. Recife: CEPE, 2017b.

DE MEDEIROS RIBEIRO, T. A poesia dos presos políticos. **Travessias**, Cascavel, v. 14, n. 2, p. 177-197, 2020.

DE MEDEIROS RIBEIRO, T. A poesia no arquivo da anistia. **eLyra**: Revista da Rede Internacional Lyracompoetics, n. 18, p. 65-85, 2021.

DIDI-HUBERMAN, G. **Sobrevivência dos vaga-lumes**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

DIDI-HUBERMAN, G. **Quando as imagens tomam posição**: O olho da história. Vol. I. Tradução: Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: UFMG, 2017.

DIDI-HUBERMAN, G. **Remontagens do tempo sofrido**: o olho da história II. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018.

DIDI-HUBERMAN, G. **Imagens apesar de tudo**. Tradução de Vanessa Brito e João Pedro Cachopo. São Paulo: Editora 34, 2020.

FERRAZ, M.; MARTINELLI FILHO, N. (Orgs.). **Poesia e cárcere político**: leituras e análises. São Carlos: Pedro & João Editores, 2023.

GAGNEBIN, J. M. **Lembrar Escrever Esquecer**. 2ª ed. São Paulo: Editora 34, 2009.

GAGNEBIN, J. M. **Limiar, aura e rememoração**. Ensaios sobre Walter Benjamin. São Paulo: Editora 34, 2014.

GAGNEBIN, J.M. Apresentação. In: AGAMBEN, G. **O que resta de Auschwitz**. São Paulo: Boitempo. 2008.

GINZBURG, J. Linguagem e trauma na escrita de testemunho. In: SALGUEIRO, W. (Org.). **O testemunho na literatura**: representações de genocídios, ditaduras e outras violências. Vitória/ES: EDUFES, 2011.

JAKOBSON, R. **Linguística e comunicação**. Editora Cultrix, 2008.

JUTGLA, C. A. da S. Poesia de resistência e a luta por Direitos Humanos. **Via Atlântica** (USP), v. 28, p. 395-412, 2015.

MARCO, V. de. A literatura de testemunho e a violência de Estado. **Lua Nova**: revista de cultura e política, p. 45-68, 2004.

NANCY, J. **Resistência da poesia**. Edições Vendaval, 2005.

PACHUKANIS, E. B. **Fascismo**. São Paulo: Boitempo, 2020.

PAZ, Octavio. **O arco e a lira**. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

PENNA, J. C. Este corpo, esta dor, esta fome: notas sobre o testemunho hispanoamericano. In: SELIGMANN-SILVA, M. (Org.). **História memória e literatura**: o testemunho na era das catástrofes. Campinas, SP: Editora Unicamp, p. 297-350, 2003.

PONTO DE CULTURA TECIDO CULTURAL/EQUIPE CENARTE/CDHMP. **Às gerações Futuras**: Poesias Inéditas de Emmanuel Bezerra dos Santos. Natal: DHnet, 2010. Disponível em: <http://www.dhnet.org.br/dados/poesias/livro.pdf>. Acesso em; 31/03/2025.

PUCHEU, A. (Org.). **Poemas para exumar a história viva: um espectro ronda o Brasil**. São Paulo: Cult Editora, 2021.

PUCHEU, A. Falemos de Poesia. In: PUCHEU, A.; MAGALHÃES, D. (org.). **Falemos de poesia**. Rio de Janeiro: Editora 7Letras, 2023.

PUCHEU, A. **Trilogia da resistência**: Pedro Tierra, Eliane Potiguara, Carlos de Assumpção. 1ª ed. Rio de Janeiro, RJ: Editora 7Letras, 2025.

RICOEUR, P. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2008.

SALGUEIRO, W. (Org.). **O testemunho na literatura**: representações de genocídios, ditaduras e outras violências. Vitória/ES: EDUFES, 2011.

SALGUEIRO, W. **Poesia brasileira**: violência e testemunho, humor e resistência. Vitória: Edufes, 2017.

SALGUEIRO, W. Trauma e resistência na poesia de testemunho do Brasil contemporâneo. **MOARA**–Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras, n. 44, 2016.

SELIGMANN-SILVA, M. **A virada testemunhal e decolonial do saber histórico**. Campinas – SP: Editora da Unicamp, 2022.

SELIGMANN-SILVA, M. Apresentação da questão: a literatura do trauma. SELIGMANN-SILVA, M. (Org.). **História, memória, literatura**: o testemunho na Era das Catástrofes. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.

SILVA, J. E. R. da. **Ecos do Cárcere**. Comitê Brasileiro pela Anistia. Produção de Presos Políticos. Pasta 042 (Presos políticos/ produção do preso/ documentação) dos Fundos documentais do COMITÊ BRASILEIRO PELA ANISTIA. AEL Digit@l (Arquivo Edgard Leurenroth-Unicamp). 94p. Disponível em: <https://ael.ifch.unicamp.br/ael-digital?destination=/ael-digital>. Acesso em: 31/03/2025.

Contribuição de Autoria

1 – Rodrigo Cavelagna

Doutorando em Estudos de Literatura pelo PPGLit da Universidade Federal de São Carlos. Universidade Federal de São Carlos

<https://orcid.org/0000-0002-0639-2995> • rodavelagna@gmail.com

Contribuição: Escrita – Primeira Redação, Conceituação, Escrita – Revisão e Edição.

Conflito de Interesses

O autor declarou não haver conflito de interesses.

Direitos Autorais

Os autores dos artigos publicados pela Lit&Aut/UFSM mantêm os direitos autorais de seus trabalhos.

Verificação de Plágio

A Lit&Aut/UFSM mantém a prática de submeter todos os documentos aprovados para publicação à verificação de plágio, utilizando ferramentas específicas, como por exemplo: Turnitin.

Editora-chefe

Rosani Ketzer Umbach

Como citar este artigo

CAVELAGNA, R. “Ecos do Cárcere”, de José Emilson Ribeiro da Silva: poesia e testemunho. **Literatura e Autoritarismo**, n. 44, e91619, 2025. DOI: <https://doi.org/10.5902/1679849X91619>. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/LA/article/view/91619>. Acesso em: xx/xx/xxxx.